

CASSIANO; Carlos Eduardo de Oliveira Silva¹, RAMOS; Pedro Hussak Van Velthen²

RESUMO

Resumo; Resultados e Discussões; Conclusão. Código: PIHS2545-2021 As discussões levantadas nessa pesquisa partem não só de uma necessidade de analisar o movimento surrealistas a partir de discussões contemporâneas como o atual giro decolonial do pensamento, mas também da necessidade de trazer para a superfície as fontes surrealistas da poética de Aimé Césaire, visto que durante toda a historiografia do movimento surrealista, este e outros que não compunham o movimento surrealista parisiense, foram deixados de fora. É interessante notar que, em um documentário produzido pela cineasta Sarah Moldoror, *A máscara das palavras* (1987), no qual a figura central é o poeta, ele fixa dois pontos importantes do surrealismo em sua obra: o primeiro é o chamado do surrealismo para além da razão discursiva, sendo razão essa traduzida na forma de linguagem, no caso a francês, em que se colocava (e ainda se coloca), o povo colonizado em uma espécie de armadura fixa e imóvel, não possibilitando a liberdade de se traduzir a sua própria realidade. Césaire explica que a partir do surrealismo, o poeta e a sua poesia ganham uma espécie de liberdade, quebrando essa imobilidade, ele entende a linguagem surrealista como a própria tradução de liberdade, sobretudo, em suas obras. Outro ponto importante é a questão do inconsciente, tema tão caro aos surrealistas parisienses por sua ligação com a psicanálise de Freud e que também será caro a Aimé e aos surrealistas francófonos que estão localizados geograficamente fora de Paris. O surrealismo propiciava aos indivíduos um mergulho fecundo ao inconsciente, fazendo-os enxergar para além de uma compreensão racional da realidade. Ora, esse tema também se tornará caro a Césaire: em *A máscara das palavras*, ele nos conta que para a vertente do surrealismo adota por alguns pensadores negros da Martinica, esse mergulho dar-se-ia também no inconsciente, mas não no inconsciente puro e sim no inconsciente ancestral, enquanto esse mergulho seria, acima de tudo, um mergulho nas raízes africanas do indivíduo negro. De fato, esses dois pontos manifestaram-se de maneira exímia em seu trabalho que dá origem a filosofia da negritude, o seu *Diário de um retorno ao país natal*, em que a todo momento, ele parece dialogar com o seu inconsciente ancestral e suas figurações sempre sensíveis e, parece também, dialogar com a liberdade que o surrealismo o possibilita na linguagem, moldando-a, e submetendo-a ao indivíduo e não o contrário. As discussões presentes nesse trabalho foram levantadas em um primeiro momento na pesquisa maior, em que o prof. Dr^o. Pedro Hussak investiga alguns tensionamentos entre estética, política e antropologia, sobretudo, nas obras do poeta surrealista Benjamin Péret, trabalho esse, exposto em seu artigo, *Algumas inquietações sobre estética e etnografia* (HUSSAK, 2021, p. 29-41). Todo o trabalho desenvolvido durante esse plano de pesquisa deu-se no campo de levantamento bibliográfico, discussão e produção textual. Durante as investigações, foram realizadas diversas reuniões que ocorriam semanalmente e, por vezes, a cada quinze dias, no Grupo de pesquisa em Estética e Pensamento contemporâneo. Ao final, sob orientação do Prof Pedro Hussak, foi produzido um artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Surrealismo, Negritude, Tropiques, Anticolonialismo

¹ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, kadu.ce66@gmail.com

² Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, phussak@gmail.com

